

# Inquietação no mercado financeiro

## É o fator Lula.

Dois elementos vão determinar o comportamento do mercado financeiro de hoje até 17 de dezembro: as pesquisas de opinião e as alianças feitas pelos dois candidatos. Hoje, junto com Lula, devem subir o ouro e o dólar; e cair a Bolsa — sob a influência das expectativas. Foi assim na quinta-feira, dia 16, logo depois de abertas as urnas. A relativa calma da sexta-feira, 17, decorreu da disputa pelo segundo lugar. “Briozola seria mais aceito”, admitiu-se nos meios financeiros.

— Os doleiros aproveitarão o fato político para tentar o lucro e depois derrubam o mercado — acredita Alkimar Ribeiro Moura, ex-diretor da Dívida Pública do Banco Central e professor da FGV-SP.

— O mercado vai estar nervoso — afirma o presidente do Banco de Crédito Nacional (BCN) e vice-presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Pedro Conde.

Se as pesquisas derem Collor na frente, “o susto inicial será substituído por uma calmaria”, assinala o diretor do Banco Noroeste, José Augusto Arantes Savasini. Mas depois das eleições, prevê, “a perspectiva de um congelamento de preços em março deverá gerar uma inflação substancial em janeiro, superior a 50%”.

A solução para evitar esse hiato prolongado — da proclamação do vencedor, por volta de 20 de dezembro, até 15 de março quando Sarney deixa o Planalto — é antecipar a posse, defendem Savasini e Luis Paulo Rosenberg, economista e ex-consultor da Presidência e do Ministério da Fazenda.

Uma hipótese não afastada por Moura é “um medo generalizado do PT”, o que considera “algo difuso, posto que não se conhece o programa do partido”. Nessa hipótese, em vez do movimento de alta seguido de baixa do dólar e do ouro hoje, as coisas poderiam ser piores — isto é, os preços poderiam sustentar-se num nível bem mais elevado, que o ex-diretor do BC não se arrisca a prever. “Acho que o ouro não vai a NCz\$ 200,00 o grama hoje — sugere, porém, Rosenberg. A disputa pelo segundo lugar ajudou as pessoas a se acostumarem com a idéia da disputa entre Collor e Lula”.

Um dos cenários de Moura é o das pesquisas antecipando uma vitória de Lula — e nesse caso, a Argentina poderia voltar a ser uma espécie de **avant-première** para o Brasil, que rumaria para a hiperinflação. Moura e Rosenberg concordam não só com a antecipação da posse como solução de

equilíbrio, mas também com o fato de que o governo não tem mais poder sobre o mercado. “Os juros no **over**, por mais altos que sejam, serão incapazes de influenciar os mercados de risco”, assinala Alkimar Moura.

Uma das hipóteses mencionadas nos últimos dias seria Sarney tentar um último choque econômico, nem que fosse só para conseguir por curto período uma inflação de 15 a 20% e não sair em plena hiperinflação. Essa alternativa, porém, é rejeitada por todos. “Seria um total absurdo”, diz Pedro Conde. “Não acredito”, nota Moura. “Só se a situação se deteriorar muito antes do segundo turno, por exemplo, se Lula estiver na frente”, declara Savasini, que também rejeita a idéia. “Totalmente descartado. Essa equipe não faz, e Sarney não acharia ninguém para fazer um novo choque”, responde Rosenberg.



Foto Arquivo/AE

Pedro Conde: mercado nervoso.

As preocupações que existem com Lula não desaparecem se ocorrer o esperado — a consolidação de Collor. Mas aí, em vez de uma crise cambial que Savasini prevê, com Lula, logo no início do governo, o mais provável seria um ajuste fiscal. Esse ajuste, admite Savasini, que pode ser feito tanto por um quanto por outro candidato, deve obter para o Estado, se eficaz, receitas adicionais de 6% do PIB ou US\$ 21 bilhões.

A possibilidade de a ascensão de Lula trazer a hiperinflação deriva do tratamento da dívida interna — em especial, o calote. Por isso, sugere Conde, “o PT tem que ter racionalidade”. Alkimar Moura recomenda que o PT explicitasse melhor suas propostas. “Salvo se elas forem estapafúrdias, não haverá problema na dívida interna”, crê.